

**ESTÉTICA E FORMAÇÃO DOCENTE:
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E CONCEITOS**

**AESTHETICS AND TEACHING:
SOCIAL REPRESENTATIONS AND CONCEPTS**

Ana Paula de Oliveira Iten

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional de Blumenau (PPGE/FURB)
Professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Indaial

Angela Maria de Andrade Palhano

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional de Blumenau (PPGE/FURB)
Coordenadora do PARFOR – Rio do Sul

Matheus Jürgen Franz

Aluno do Curso de Música da Universidade Regional de Blumenau (FURB)

Rita Buzzi Rausch

Doutora em Educação Pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional de Blumenau (PPGE/FURB)

RESUMO

Trata-se de um artigo que visa discutir a formação estética nos cursos de Licenciatura em Artes. Os sujeitos da pesquisa foram acadêmicos dos Cursos de Licenciatura em Artes Visuais e Música da Universidade Regional de Blumenau – FURB. A metodologia da pesquisa pauta-se na Teoria das Representações Sociais de Sérgio Moscovici (2003), que consiste na associação livre de palavras, chamadas “evocações”, sobre um determinado conceito. Nesta pesquisa, foi solicitado aos participantes que indicassem palavras associadas à “Estética”. A coleta de dados foi realizada no 2º. Semestre de 2012. Pode-se perceber nos resultados que existem discursos consensuais e naturalizados sobre o conceito de Estética. O artigo relaciona os conceitos sobre Estética mencionados pelos acadêmicos situando-os em contextos históricos, sociais e culturais.

Palavras-chave: Estética. Formação docente. Representações Sociais.

ABSTRACT

This is an article that aims to discuss the aesthetic training in Bachelor of Arts courses. The subjects were students of Degree Courses in Visual Arts and Music of Regional University of Blumenau - FURB. The methodology of the research is guided on the Theory of Social Representations of Serge Moscovici (2003), which consists of free word association, called "evocations" about a particular concept. In this study, we asked participants to indicate words associated with "Aesthetics". Data collection was carried out in the 2nd Semester of 2012. It can be seen in the results that there are naturalized and consensual discourses on the concept of Aesthetics. The article relates the concepts of Aesthetics mentioned by the scholars, placing them in historical, social and cultural contexts.

Key-words: Aesthetics. Teachers training. Social representations

1 INTRODUÇÃO

Apresentamos o resultado da pesquisa realizada durante o segundo semestre de 2012 com os acadêmicos dos Cursos de Licenciatura em Artes Visuais e Música da FURB - Universidade Regional de Blumenau. A pesquisa surgiu da necessidade de se expandir as discussões sobre a formação estética de professores, pois se presume que a universidade seja o espaço promissor para essa formação, sobretudo nos cursos de Artes. O interesse pelo tema também decorreu a partir das discussões que surgiram na disciplina optativa intitulada "Formação e atuação docente: tendências e desafios contemporâneos" do Programa de Pós-Graduação em educação da FURB que, advinda de uma proposta metodológica desafiadora em que se buscou mediar o interesse e a demanda dos participantes numa postura aberta às possibilidades atuais. Vimos então, que a preocupação com a formação docente se direciona para vários caminhos, e em grupos por afinidade e interesse nos assuntos, nos encontramos para colocar em debate a formação estética.

O levantamento de dados foi realizado a partir da metodologia da Teoria das Representações Sociais de Sérgio Moscovici (2003), que consiste na associação livre de palavras, chamadas "evocações", sobre um conceito a ser analisado. Neste caso, foi solicitado aos participantes da pesquisa que indicassem palavras associadas à "Estética". Os grupos participantes foram os acadêmicos que no 2º. Semestre de 2012, frequentavam a 2ª e 8ª Fases do Curso de Licenciatura em Música e acadêmicos da 1ª. Fase do Curso de Licenciatura em Artes Visuais – PARFOR (Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica,

totalizando 39 participantes). A diversidade dos grupos pesquisados surgiu da necessidade de obter um número significativo de amostragem, mas também para verificar se os conceitos mudam ou permanecem mediante os anos de formação e quais são as definições sobre a palavra estética nas áreas artísticas.

As Representações Sociais, segundo Moscovici (2003), são formas de conhecimento individual que ocorrem a partir das interações sociais, ou seja, é na ação, no movimento de interação entre as pessoas que as representações se formam. “As representações sociais dizem respeito ao universo de opiniões construídas, reelaboradas e redimensionadas pelos indivíduos, em relação a um determinado objeto social, de acordo com a história de vida de cada um.” (ALMEIDA e COSTA, 1999, p. 255). Conforme os contextos sociais e culturais de vivência, as representações se aproximam ou se distanciam do significado do conhecimento. A exemplo, selecionamos a palavra estética, pois se a pesquisa fosse realizada com outros grupos, a possibilidade de estar atrelada à arte seria mínima, porém como a pesquisa esteve ambientada em cursos de graduação em Artes, já antecipa uma construção consensual, que é comum ao grupo. As evocações surgem como discursos consensuais, isto é, aceito ao grupo, porém elas não se apresentam como verdades únicas, elas foram construídas com base nas representações sociais que foram veiculadas em vários segmentos da vida cotidiana. Por isso as Representações Sociais convalidam a pesquisa, no sentido de verificar quais são as aproximações e os distanciamentos do universo consensual dos acadêmicos participantes acerca da palavra estética.

A Teoria das Representações Sociais é merecedora de um espaço maior para sua abordagem, todavia, nesse artigo destaca-se uma das suas metodologias que é a do Núcleo Central, que se equivale do levantamento de palavras por importância e proximidade de significado relacionado a algum termo. Nosso interesse neste artigo foi verificar em que medida a palavra estética está representada no discurso consensual dos acadêmicos em questão.

2 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

A partir do levantamento das evocações foi realizada uma triagem levando em consideração sobre quais aspectos as evocações destacadas estavam pautadas. Foi necessária uma subdivisão dos resultados que suscitou um estudo de revisão bibliográfica a fim de aprofundar as questões apresentadas. Portanto, os indicativos da pesquisa apresentaram: Confusão entre Estética e Ética, Estética ligada ao corpo, Estética ligada à forma artística e Estética atrelada ao seu conceito na arte.

Quadro 1: Evocações à palavra estética dos alunos do curso de Música

Aluno	Palavra 1	Palavra 2	Palavra 3	Palavra 4	Palavra 5	Palavra Principal
Confusão entre estética e ética						
A201	Cultura	Comportamento	Postura Profissional	Coerência	Inteligência	Inteligência
Estética Corporal						
A202	Forma	Aparência	Beleza	Modelo	Diferencial	Forma
A203	Beleza	Traços	Contexto	Matéria Prima	Ambiente	Contexto
A204	Beleza	Olhar	Perfeição	Gosto	Personalidade	Perfeição
A205	Sociedade	Bonito	Feio	Olhar	Gosto	Olhar
A206	Cores	Perfumes	Forma	Complexidade	Criatividade	Forma
A207	Forma	Cuidado	Valor	Aparência	Beleza	Aparência
A801	Cirurgia	Qualidade	Corpo	Beleza	Defeito	Qualidade
A802	Cuidado	Beleza	Equilíbrio	Formação	Estilo	Equilíbrio
A803	Equilíbrio	Harmonia	Beleza	Constância	Busca	Equilíbrio
A804	Beleza	Aparência	Status	Representação	Idealização	Aparência
A805	Organização	Beleza	Padrão	Forma Estilo	Aparência	Aparência
Estética Formal						
A208	Emoção	Forma	Textura	Cor	Harmonia	Textura
A209	Idealização	Formato	Estrutura	Forma	Aparência	Estrutura
A210	Simetria	Equilíbrio	Beleza	Harmonia	Disfunção	Totalidade
A806	Comparação	Discussão	Subjetivo	Gosto	Técnica	Comparação
A807	Beleza	Forma	Proporção	Razão	Valor	Proporção
A808	Ordem	Forma	Modelo	Design	Aparência	Forma
A809	Beleza	Textura	Profundidade	Conceito	Conceito de beleza	Beleza
A810	Beleza	Conjunto	Harmonia	Estrutura	Forma	Harmonia
Estética Conceitual						
A811	Belo	Feio	Aceitável	Criticidade Características	Cultural Identidade	Característica
A812	Estrutura	Belo	Arquitetura	Interpretação	Análise	Estrutura
A813	Representação	Ícone	Aparência	Exterior	Desenho	Aparência
A814	Convenção	Gosto	Pessoal	Identidade	História	Identidade
A815	Belo	Intelectual	Inspiração	Relativo	Sentimento	Belo

Fonte: Coleta de dados realizada no dia 22 de agosto de 2012 com os acadêmicos do segundo e oitavo semestre em Música – FURB.

Quadro 2: Evocações à palavra estética dos alunos no curso de Artes Visuais

Aluno	Palavra 1	Palavra 2	Palavra 3	Palavra 4	Palavra 5	Palavra Principal
Estética Corporal						
A101	Beleza	Perfeição	Vaidade	Cuidado	Pintura	Beleza
A102	Beleza	Dinheiro	Comércio	Artes	Formas	Beleza
A103	Visual	Corporal	Composição	Harmonia	Organização	Harmonia
A104	Belo	Feio	Forma	Dinheiro	Perfeição	Belo
A105	Sexo	Fome	Dinheiro	Beleza	?	Sexo
A106	Beleza	Vaidade	Cuidados	Pele	Saúde	Beleza
Estética Formal						
A107	Belo	Feio	Visual	Agradável	Forma	Forma
A108	Padronização	Beleza	Cultural	Sentimento	Forma	Cultural
A109	Beleza	Proporção	Harmonia	Definição	Simetria	Harmonia
A110	Visual	Combinação	Organização	Harmonioso	Beleza	Combinação
A111	Aparência	Organização	Acabamento	Visual	Elaboração	Organização
A112	Beleza	Perfeição	Feio/Bonito	Cultura	Cor	Beleza
A113	Forma	Equilíbrio	Proporção	Volume	Cor	Forma
A114	Ver	Belo	Reflexão	Observar	Cor	Ver

Fonte: Coleta de dados realizada no dia 17 de agosto de 2012 com os acadêmicos do primeiro semestre de Artes Visuais/PARFOR- FURB.

2.1 CONFUSÃO ENTRE ESTÉTICA E ÉTICA

É primeiramente curiosa a associação entre estética e ética, pois os pesquisadores não conseguiram apurar se houve confusão pela proximidade das palavras ou se as evocações se fazem representações sobre o conceito posto. Ao verificar a literatura sobre as duas palavras, vê-se que, no século XVII, os conceitos entre ética e estética surgem no debate filosófico como um acontecimento que não passam despercebidos por suas implicações teóricas e políticas. Pino (2007) aborda que a estética neste período, deixa de ser um discurso relacionado à arte para tornar-se uma espécie de justificação política da ordem da ética ou da moral. Continuando em Pino, o “bom gosto” estaria relacionado à moral e à virtude. Dessa forma as implicações políticas surgiram no sentido de que o “bom gosto” é próximo do “bom senso” tornando-se desnecessário o controle das massas, constituindo-se um caminho de fácil acesso para a dominação política.

A burguesia convivia pacificamente com a aristocracia sob a bandeira da moral, dos valores tradicionais no sentido estético da vida, cada qual desempenhando seu papel a que divinamente foi submetido. Contudo, os distanciamentos entre ética e estética surgiram com os abalos das revoluções, sobretudo da Revolução Francesa, que instituiu ideais de liberdade, fraternidade e igualdade.

2.2 A ESTÉTICA RELACIONADA AO CORPO

A representação social da estética por palavras como “cirurgia”, “forma”, “sociedade”, “olhar”, “perfeição”, nos faz refletir acerca dos formadores da nossa sociedade, haja vista que as mídias de massa/indústria cultural têm difundido largamente ideais e padrões de beleza associados ao conceito de estética. A urgência desse assunto atual leva Lüdorf (2009) a discutir o assunto de estética do corpo na graduação em Educação Física. As propagandas são narcisistas e os ideais de beleza fomentados pela mídia compreendem a beleza do corpo do amplo sentido da expressão. Essa beleza pode ser obtida por intervenções cirúrgicas, uso de produtos farmacológicos sem orientação médica, regimes inusitados e rotinas nada saudáveis. A formação do profissional de Educação Física deve contemplar essas discussões no seio da universidade devido às demandas sociais da atualidade, na qual a mídia desempenha um importante papel de difusão, seja ele positivo ou não.

Hoje a realidade tecnológica invadiu o espaço privado e o restringiu. O indivíduo está inteiramente tomado pela produção e distribuição de massa e a psicologia industrial há muito tempo extrapolou a fábrica (BELLONI, 2002 p.5).

O termo Estética é utilizado de forma diferenciada da concepção filosófica de estética, que conforme Abbagnano (apud LÜDORF, 2009, p.100), designa “a ciência (filosófica) da arte e do belo”, que recebeu diferentes interpretações em cada época. Para essas discussões contemporâneas a autora utilizou o termo no sentido comum da palavra. Este termo, segundo a autora, precisa ser utilizado em seu sentido usual, mais comum, relacionado à beleza, à plástica e à aparência. A autora destaca ainda que o ideal estético difuso na mídia apresenta como princípio o macrodiscurso do poder da eterna juventude e beleza, fomentando, dessa forma, uma busca interminável por uma forma que não é natural do corpo humano.

Pires (2003) apresenta a função estética e social das práticas de *Body Modification*. Essa prática compreende todas as modificações realizadas no corpo, desde uso de produtos químicos até a intervenção cirúrgica, que ganhou força nos grandes centros urbanos.

[...] mais da metade da população reside em áreas urbanas e vem enfrentando, principalmente nas grandes cidades, novas patologias e reações ao estilo de vida nelas desenvolvido: síndrome do pânico, estresse, agressividade. Esses fatores, propiciados e propiciadores da crescente violência urbana, ao mesmo tempo levam à banalização do corpo, e nos colocam diante da necessidade de nos reapropriarmos deste e de criarmos uma identidade que nos diferencie dos demais (PIRES, 2003, p.77).

Dessa forma, a silhueta sofre modificações que caracterizem o indivíduo e identifiquem seus ideais. Esse processo é apontado como a exteriorização do imaginário do indivíduo e o respectivo registro dos signos referentes em seu corpo, em alguns casos. Dessa forma, a modificação corporal ocorre por influência ideológica de um grupo da sociedade identificado por tal imagem/silhueta, podendo ainda em alguns casos ocorrer a modificação corporal influenciada por modismos, “o primeiro, composto por pessoas que compartilham de ideias e ideais, e o segundo por seguidores da moda” (PIRES, 2003, p.78).

É perceptível a constatação de que o termo estética empregado e difundido em massa pelas mídias é extremamente superficial, mercadológico e não comporta a complexidade do conceito. Por sua vez, as instituições de ensino, tendo como ideal preparar o indivíduo para a vida em sociedade, precisam suprir essa necessidade de formação da consciência do interesse midiático e da sua superficialidade de conteúdos a fim de que as gerações futuras não se tornem alienadas às verdades absolutas difundidas pela mídia.

Conforme o Quadro 1 e 2 que apresentam as evocações livres, o conceito de Estética que foi construído pelos acadêmicos está relacionado aos valores estéticos encontrados nos tratados de música dos séculos XVII e XVIII que relacionam o belo à imitação da natureza e do verdadeiro (VIDEIRA, 2006). Esse fato nos provoca a pensar sobre a formação estética formal e informal apresentada até o momento. A educação informal, aquela que não ocorre na “sala de aula” é dinâmica e contemporânea, pois luta para sobreviver em um contexto capitalista e neoliberal. Já a educação estética formal, das salas de aula, universidades e conservatórios, mantêm-se estática e seguindo ideais de gerações passadas. Qual o papel da Universidade frente a esse dilema da atualidade?

2.3 ESTÉTICA ALIADA À FORMA ARTÍSTICA

A estética nos indica a ideia de sensível, buscando o sentido da palavra estética (do grego *aesthesis*) que significa o conhecimento sensorial, a experiência, a sensibilidade. Abordar um conceito de estética limita a sua dimensão. Ela está totalmente interligada com as condições históricas, sociais e culturais e também condições humanas como moral, filosofia, política e economia. Está além da beleza de padrões estabelecidos.

A estética que é atribuída à forma artística pode ser conceituada através de diferentes pensadores. Ao longo da história, a definição de estética perpassa a arte, no seu sentido próprio. Segundo Kirchof (2003, p. 21), “o primeiro filósofo a fundar a disciplina Estética, Alexander Gottlieb Baumgarten, definiu-a como a ciência do conhecimento sensível [adquirido por certas “faculdades inferiores] e não como a ciência da arte ou do belo”, desconsiderando desta forma a estética na forma artística.

Para Kant, segundo Nascimento, a arte estética é diferente da arte mecânica, pois as duas possuem propósitos diferenciados, sendo que a arte estética tem:

O único fim (se assim pode ser chamado) é a busca pela satisfação ou pelo sentimento de prazer. Fazem parte desse tipo as artes agradáveis e as belas-artistas. As primeiras são destinadas meramente à fruição. (*Da arte ao gênio*, p. 245) Os atrativos de uma mesa, as conversas despreziosas, que acompanham um jantar, os gracejos e anedotas que contam em sociedade e todos os jogos destinados a fazer o tempo passar são exemplos dados para ilustrar a arte agradável. Por sua vez, a bela-arte propicia o que Kant chama de prazer de reflexão, ou seja, seu propósito não é de despertar uma fruição sensorial, mas o de fazer pensar. (NASCIMENTO, 2007, p. 52).

Já a arte mecânica somente busca ter um fim de ser útil, como um assento por exemplo. Desta forma Kant também atribui conceitos à estética, podendo ser considerada a busca constante pela satisfação e pelo sentimento do prazer, definido por ele como o ato de pensar. A forma artística acarreta o sentido de estética incitando sentimentos propriamente humanos.

Outro filósofo que atribui a estética ao campo das artes, segundo Schlindwein (2006, p. 34) é Hegel. Para ele “a estética pode ser definida como estudo das representações, na qual a arte é concebida como um meio para o surgimento da verdade” propondo assim que através das formas artísticas o conceito de estética pode ser alcançado.

As contribuições de Vigotski (1999) também são relevantes para esta reflexão sobre a estética na arte, apesar de não restringi-la somente a essa dimensão. A estética desencadeia uma reação em que a arte é o estopim. Nesse sentido “a reação estética significa a possibilidade emocional de uma pessoa frente a alguma coisa que a provoque (como por exemplo, uma obra de arte, uma música ou um texto literário), ou seja, a capacidade de perceber e se emocionar com tal percepção” (SCHLINDWEIN, 2006, p. 35).

Para Vigotski (1999) a transformação que a arte possibilita ao ser humano, (em um momento de catarse, por exemplo, onde há uma descarga de emoções), é uma compreensão que está além do nítido de uma representação. Nesta conjectura, “estas transformações afetivas

não ocorrem de modo espontâneo, mas exclusivamente sob a influência de mecanismos semióticos específicos que distinguem um gênero artístico determinado e lhe conferem valor estético” (KOZULIN apud SCHLINDWEIN, 2006, p. 35).

No campo da arte em suas possibilidades de representações, as conceituações são atribuídas à dimensão de sentimentos humanos que são desencadeados através destas formas artísticas. Sendo a reação do expectador o ponto culminante para que a reflexão sobre a estética aliada a fora artística.

2.4 ESTÉTICA ENQUANTO CONCEITO

A palavra Estética é recente, complexa e geradora de muitas confusões. Recente porque, de acordo com Jimenez (1999) a palavra surge em meados ao século XVIII entrelaçada nos discursos sobre arte. Trata-se de um discurso inovador sobre a arte, pois no decorrer da história, a arte sempre se fez presente em todos os lugares por onde um ser humano lá estivesse. De mito à intelectualidade, a arte transgrediu o cotidiano e rompeu limitações entre o mítico e a ciência, pois as reflexões acerca da arte induziram um pensar sobre ela mesma que sobrepunha sua técnica. Surge aí o pensamento estético, encorajado no momento em que a arte é reconhecida e se reconhece através de seu conceito, como uma atividade mental.

Conforme Jimenez

Assim, a estética, que inaugura sua fase moderna a partir de 1750. Sua fundação, enquanto ciência, é o resultado de um longo processo de emancipação que, pelo menos no Ocidente, concerne ao conjunto de atividade espiritual, intelectual, filosófica e artística, sobretudo a partir da Renascença. (1999, p. 32)

O Renascimento é uma efervescência da humanidade em todos os sentidos. Vemos na história, a supremacia da ciência em detrimento ao senso comum na filosofia Iluminista e uma sociedade laica. Neste contexto a arte deixa de ser uma criação divina realizada pelos escolhidos e passa a ser uma atividade humana. “Do artesão, ligado pelo mecenato, escravizado à boa vontade de um príncipe, passou-se ao artista humanista, dotado de um verdadeiro saber” (JIMENEZ, 1999, p.33)

A estética da arte no Renascimento primou por algumas exigências como imitar a natureza, respeitar as leis da perspectiva e devotar a Deus. O artista era visto como o intérprete da natureza e com técnica de cópias perfeitas inspiravam-se na natureza para

assegurar seus dotes e ao mesmo tempo, sobreviver. A associação do Belo com a perfeição esteve centrada nos conhecimentos científicos da Matemática, Geometria e Aritmética, de proporção, simetria e harmonia. Neste período, o pensamento filosófico e estético não via a arte e o artista nas dimensões da subjetividade e sensibilidade, mas sim na racionalidade própria do século das luzes.

Porém, no século XVII, Descartes através do seu debate filosófico sobre o sujeito pensante apresentou questões sobre a ordem do gosto. Se o belo é o que agrada, o discurso cartesiano problematiza o que é agradável aos sentidos e por que o é, trazendo à tona reflexões sobre o prazer enquanto alma e razão, questões por excelência nos estudos sobre Estética. Mesmo diante do pensamento cartesiano, a imitação e o belo são conceitos estéticos que perpassam todo o século XVIII até o início do século XIX (JIMENEZ, 1999). As vanguardas modernistas impõem outra sociedade, outro pensamento e conseqüentemente outra arte.

Era preciso discutir sobre o belo, a razão, a sensibilidade, o artista, a arte na sociedade e o gosto. Certamente a filosofia é o lugar dessas discussões, sendo que somente após a emancipação da arte em relação à ciência, à religião e às outras instituições e interesses, é que passou a ser pensada por ela mesma e seu discurso passa a ser no campo da Estética. Nasce assim uma autonomia, um discurso aberto, contudo, não é um discurso livre. É aberto mediante as possibilidades de criação, interpretação e julgamento, mas é preso, porque está atrelado às motivações pessoais do artista enquanto um sujeito que se constitui em diversas sociedades que lhes constroem o emaranhado da vida, seja na sua subjetividade, na sua cultura, no seu ser humano e social.

Na modernidade, “a beleza não se define somente por sua tendência para o eterno e o imutável, ela surge a qualquer momento da realidade mais prosaica do mundo presente”. (JIMENEZ, 1999, p. 278). Se o mundo mostra uma paisagem deflagrada dos sentimentos humanos, hostil diante da natureza, e errônea nos sentidos da vida, a arte não pôde ficar no debate do belo. O século XIX foi um escândalo, artisticamente falando, nem sempre os artistas procuravam mostrar os escândalos da sociedade moderna, mas suas obras provocavam escândalos. O debate estético se debruçou sobre as aberrações formais da arte moderna, suscitando discussões acaloradas entre a crítica e o público, era um problema de forma e não de conteúdo. “Instala-se um novo modo de representação, capaz de abalar os antigos dogmas” (JIMENEZ, 1999, p. 282).

A estética da arte como função social, perpassa as duas guerras mundiais e todas as atrocidades que a sociedade capitalista impôs. Nem a arte, nem o artista podem permanecer indiferentes aos acontecimentos, pois a arte comunica, mexe com os sentidos, provoca reações diante dos fatos sociais. Neste contexto o “Belo” pode ser visto na tragédia, nos fragmentos da história, na zombaria, no caótico, num vaso sanitário, pasmem! Que Duchamp em 1917, nomeia como *Fountain*. Será o fim da arte?

Presumidamente, a arte não encontrou seu fim, até porque, enquanto existirem seres humanos a arte existirá. Contudo, as transformações obrigam a estética a aceitar novos desafios. Conforme Jimenez (1999), Max Weber pensa a estética moderna como um “desencantamento do mundo” que vela uma esperança e um pensamento positivo de que a arte contribui para abrir a discussão sobre a realidade e o que se pretende para o amanhã.

Heidegger (1889-1976) se consagrou nos discursos estéticos. Trouxe a poesia à arte, distanciando-se da concepção da arte engajada. Heidegger evocou uma estética ontológica e a emergência da subjetividade, pois conforme Jimenez

o homem não somente erradicou os mitos, liquidou a teologia, mas cortou o caminho que conduzia à essência das coisas, inclusive à própria essência. O resultado, ou seja, a maldição dos tempos atuais, é o desamparo, o homem lançado ao mundo, condenado a uma vida inautêntica num mundo que se tornou ininteligível, que o entrega, de pés e mãos amarrados, à ciência, à lógica, ao utilitarismo, às exigências de uma razão coercitiva (1999, p. 320).

É possível uma mudança numa perspectiva tão desoladora? Heidegger busca em Hölderlin uma possibilidade: a de “habitar poeticamente nesta terra”. O que isto quer dizer? Pode-se dizer que as relações com o mundo de forma poética estão pautadas pela sensibilidade, não dependem somente de uma relação corpórea e visual, mas de experiências entre o ser, o mundo e a natureza de forma plena, de forma a estabelecer sentidos, de produzir conhecimentos, de promover relações emocionais, cognitivas e sociais. Essas experiências densas e tensas são fundamentais para a constituição de sujeitos livres e criativos em seu pensar, pois além da transformação das realidades sociais, as experiências estéticas e poéticas são prazerosas ou doloridas, dizíveis ou indizíveis, complexas ou simplesmente fluidas tal qual como a vida é.

Há muita controvérsia em torno do que a estética possa significar, contudo pode-se dizer que, a estética é imersa em sua época e sua tarefa consiste em pensar os discursos da arte, sua relação com o mundo e com a história. Nesse sentido, a estética também pensa o universo do artista, o encontro do objeto artístico com as pessoas, a sensibilidade, a

imaginação e os processos de criação. Muitos filósofos se debruçaram a pensar a estética, cada qual a sua maneira e em seu tempo, sendo que, precisar-se-ia de várias páginas para abordar alguns pensamentos, porém elegeram-se fragmentos que conduzem por alguns caminhos.

3 REFLEXÕES FINAIS

O professor exerce um papel fundamental na formação humana, sejam crianças, jovens ou adultos. Sua atuação docente e sua visão de mundo possibilitam a constituição de situações de aprendizagem que oportunizam, no ambiente escolar e na convivência social, vivências diferenciadas e significativas. O professor pode e deve ser o elo de ligação entre o sensível e o real, contribuindo para uma forma poética de habitar o mundo. Mas de que forma isso acontece? Quem é esse professor propositivo de situações inusitadas que levam a questionamentos e incidem uma tomada de atitude mediante as adversidades e que mostra um caminho novo de possibilidades?

Esse é um professor advindo de uma formação consistente que refletiu, conheceu, aprimorou, buscou, questionou. Que teve uma formação sólida visando os saberes docentes e uma formação estética apropriada na sensibilidade para olhar as coisas por outro ângulo, e olhar a arte como uma representação preta de sentidos e signos.

É usual definir a arte como forma de expressão de sentimentos. Este conceito reduz o seu real papel enquanto pensamento sobre a vida e enquanto símbolo e signo presentificados na vida das pessoas. Para Pillotto “a arte como linguagem, expressão e comunicação, trata da percepção, da emoção, da imaginação, da intuição, da criação, elementos fundamentais para a construção humana sensível” (2004, p. 38). Como vetor de construção humana sensível, a arte possibilita acesso *para e com* o mundo, bem como, para com o ente – *eu-mundo*. Permite que, por meio dela, se conheça e se compreenda o contexto onde se está inserido, numa visão que transcende o real, mas fala dele ao mesmo tempo.

Na educação, a arte se torna fundamental como forma de reconhecimento da cultura. Barbosa (2002) atenta que é impossível conhecer a cultura de um país, sem conhecer sua arte, pois é importante compreender que a arte é a representação do país por seus próprios membros. É por meio da arte que podemos conhecer e entender a cultura do nosso tempo, de outros tempos e de outras culturas, sendo este um processo fundamental para a construção humana sensível. Entende-se que a formação docente voltada à reflexão e compreensão da

arte enquanto experiência vivida e diversidade cultural, e não somente pautada na instrumentalização, contribua de forma significativa na constituição do ser sensível. A escola e a sala de aula são espaços formativos das representações, pois além de proposições, a cultura escolar impõe não apenas formas de pensamento, mas comportamentos sociais.

Mediante constatação da escola como espaço que promulga comportamentos sociais, e com intuito de discutir o entendimento dos acadêmicos da pesquisa sobre o conceito de estética, a teoria das Representações Sociais favorece uma análise entre as aproximações e distanciamentos sobre o assunto. As representações são responsáveis por comportamentos e atitudes dos indivíduos na coletividade, sofrendo mudanças a partir do convívio com grupos. Pensar a formação docente pelo viés das Representações Sociais é pensar que os saberes docentes são formados mediante um conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e partilhados a partir da construção da realidade. Portanto, as evocações apresentadas pelos acadêmicos partem de constructos realizados a partir das referenciais que possuem. A este respeito deve-se ter o cuidado de investigar as origens e a quantidade de informações veiculadas como um conjunto de ideias dominantes, utilizadas pelo grupo para designar conceitos.

Se as Representações Sociais são construídas no grupo, quais as representações que foram dominantes nas evocações sobre a palavra estética? A partir de que pressupostos elas foram construídas? As Representações surgiram do contexto social ou educacional? A formação estética está prevista nas políticas educacionais? De que forma contribuir para uma formação estética docente que viabilize a sua extensão nos diversos níveis de ensino, a fim de promover uma representação próxima de seu conceito? Esses questionamentos apresentam subsídios para pesquisas de cunho educacional que visam contribuir a evitar o esvaziamento da arte no contexto escolar e a difusão dessa formação na sociedade.

Vigotski (2010), em sua obra *Psicologia Pedagógica*, discute a educação estética. A arte, por vezes, é trabalhada na escola como um meio para se alcançar conceitos da moral, perdendo totalmente o sentido de estética. Há um amortecimento do sentimento estético. Como quando olhamos uma torre, ela tem suas funções. Porém faz parte de um projeto arquitetônico e conseqüentemente um sentido estético.

Ele aponta reflexões sobre a educação estética definindo-a:

[...] equívoco cometido pela pedagogia tradicional quando reduz a estética ao sentimento do agradável, ao prazer pela obra de arte e vê nela um objetivo em si, noutros termos, reduz todo o sentido das emoções estéticas ao sentido imediato de prazer e alegria que elas suscitam na criança. (VIGOTSKI, 2010, p. 331)

Neste sentido, a estética não busca somente prazer, mas um movimento de interpretação que busca um sentido maior, um triunfo sobre a obra e sobre a arte instaurada na obra. A formação estética surge com o sentido de quem acolhe a arte apropriada num objeto agregado de significações, que se atualiza a cada olhar, que representa as representações dos indivíduos na convivência, que instaura uma verdade de quem pensa, de quem contempla, de quem deseja. Em outros termos, a formação estética emerge no encontro de alguém com outro alguém, consigo mesmo e com algo. A educação é um grande e promissor encontro!

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira & COSTA, Wilse Arena da. Teoria das Representações Sociais: uma abordagem alternativa para se compreender o comportamento cotidiano dos indivíduos e dos grupos sociais. *Revista de Educação Pública*. Cuiabá V. 8, n.13,p.250-280, jan/jun.1999.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da Arte*. São Paulo: Max Limonad, 2002.

BELLONI, M. L. *O lazer espetacularizado: Cultura do Narcisismo e Indústria Cultural*. Motrivivência. Florianópolis, 2002.

HEIDGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Ensaio baseado em conferências proferidas em 1935 e 36 e inserido por Heidegger em *Caminhos de Floresta*.

JIMENEZ, Marc. *O que é estética?* Trad. Fúlvia M.L. Moretto. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 1999.

KIRCHOF, E. R. *Estética e semiótica: de Baungarten e Kant a Umberto Eco*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003

LÜDORF, S.M.A. *The body and training for physical education teachers*. Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.13, n.28, p.99-110, jan./mar. 2009.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis. RJ: Vozes, 2003.

NASCIMENTO, L. F. S. Gosto e imaginação a concepção kantiana de arte. *Revista Mente e Cérebro*. Filosofia: fundamentos para a compreensão contemporânea da psique. 2007

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. O Conhecimento sensível: uma contribuição para o aprendizado humano. In: PILLOTO, Silvia Sell Duarte; SCHRAMM, Marilene K.; CABRAL, Rozenei W. *Curso de Metodologia do Ensino de Artes* (Orgs.). Arte e o Ensino da Arte. Blumenau: Nova Letra, 2004.

PINO, A. Educação estética do sentimento e processo civilizador: um ensaio sobre estética e semiótica. In: ZANELLA, A. V. (org.) *Educação estética e constituição do sujeito: reflexões em curso*. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007

PIRES, B. F. Corpo como suporte da arte. *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*. vol. VI, núm. 1, março, 2003, p. 76-85. Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental. São Paulo, Brasil.

SCHLINDWEIN, L. M, SIRGADO A. P. (org.). *Estética e Pesquisa: formação de professores*. Itajaí: Ed. UNIVALI: Ed. Maria do Cais, 2006.

VIDEIRA, M. *O romantismo e o belo musical*. São Paulo. UNESP, 2006.

VIGOTSKI, L. S. *Psicologia da Arte*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKI, L. S. *Psicologia Pedagógica*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.